

FOLHETIM CIENTÍFICO

~*~

ARGUMENTO

Se o mundo foi criado no outono ou na primavera. Se foi criado à terça-feira ou ao domingo. Se os países de Ofir e Tarsis foram no Minho. Prova-se que sim. Diz-se de onde vieram para o Minho elefantes e outros bichos. Se existem antípodas, gigantes fêmeas e pigmeus. Se os delfins amam as delfinas, e porquê. Dá-se a razão de existir o unicórnio, e do prazer que ele sente em dormir no regaço das donzelas, e do mais que no folhetim se disser.

Parece cousa averiguada e incontroverso que o mundo foi criado no outono, porque as frutas do paraíso estavam maduras. Além disto, os judeus e egípcios, nações mais convizinhas da criação do mundo, contavam o começo do ano em Setembro, dando assim a entender que o princípio do ano correspondia ao princípio do mundo.

Não seria, porém desarrazoada a opinião de que o mundo foi criado em Julho; porque, no terceiro capítulo do Genesis, se lê que no mês undécimo saiu a pomba, segunda vez da arca, e|voltou com o ramo de oliveira. Isto devia ser aí por maio. Logo, se Maio era o undécimo, Julho devia ser o primeiro do ano seguinte, correspondente ao primeiro mês da criação.

Virgílio quer que o mundo se tenha arranjado nos belos dias de primavera, quando os euros não assopravam: *hybernis parcebant flatibus Euri, etc.*

O padre Bernardino de Santa Rosa, natural de Guimarães, doutor em teologia e lente universitário, não se conforma com Virgílio nem com ninguém. Ao parecer dele, o mundo foi criado em todas as quatro estações; porque, bem considerados os diversos climas, não há primavera, nem estio, nem outono, nem inverno absolutamente falando; e a razão é clara: quando a gente está à lareira comendo castanhas aí por Novembro, estão os antípodas sobre a fresca relva a comer cerejas em Junho.

Este argumento não é agudo; mas tem de bom não quebrar por agudo de mais como acontece aos subtilíssimos. O padre era um Humboldt azabumbado. Caía em peso sobre as questões e esborrachava-as. Bem haja ele.

Poderia alguém conjecturar que o mundo fosse feito à terça, quinta ou sexta-feira. O doutor Bernardino, catedrático de Coimbra (parece que foi a preexistência doutro que hoje lá está, ou encarnou nele pessoal e nominalmente!) decidiu que o mundo fora criado num domingo. A razão é

límpida: “Com o mundo principiou também o tempo: nos seguintes cinco dias completou o Senhor as suas grandes obras, e descansou no sábado.” Destes remontados debates, deriva o sábio naturalmente a indagar se há vestígios do paraíso terreal. Refuta o parecer dos que dizem que os frutos do paraíso apodreceram e as flores murcharam, como coisas corruptíveis, e não renasceram à falta de inocentes que as cultivassem. Não aceita como discreto o argumento do dilúvio universal que destruiu o paraíso; nem o da arca de Noé, que seria inútil, se na terra houvesse lugar defeso às águas diluviosas. O padre de Guimarães insiste na existência do paraíso, porque foi lá que o Senhor salvou Enoch, e de lá há-de sair no fim do mundo a pregar penitência. (Ecles. c. 4.º) E, com isto, arrumou o litígio. Falta determinar o ponto do mundo em que estão os jardins de nossos últimos avós, primo leitor.

Na Mesopotâmia, como querem muitos, não; por que anda por lá muita gente, que não os topou ainda.

Também não é em Ceilão nem na Andaluzia, nem, como quer Calmet, entre os rios Fasis e Arasces.

É na Índia oriental, porque (aí vai a verdade) “ninguém pode duvidar que sendo a Índia a parte mais oriental do mundo, a esta parte correspondeu a primeira primavera, ou o tempo da primeira fresca primavera do mundo: logo etc.”

O que abriu as portas do segredo foi aquele adjectivo da primavera fresca do padre Bernardino.

Não pára nisto. Designa nomeadamente o local do éden. É na Índia japónica marítima.

Podia alguém impugnar-lhe o sistema, alegando que, ao juízo de muitos santos padres, Adão nasceu em Damasco, morreu na Palestina e foi enterrado no Calvário. Como iria o nosso avô de Damasco à Índia Oriental, e viria da Índia dar a ossada ao Gólgota? Viajou, diz o padre; e acrescenta que para Deus não há terras distantes, quando é necessário. Que ele esteve em Ceilão é mais que muito provável. Quem dali o desterrou para uma serra, que os portugueses denominam *monte* ou *pico de Adão*, isso é que o padre Bernardino, nem Calmet no artigo *Paradisus*, não destrinçaram. Falhou-lhe o acume de olhos aquilinos nesta obscuridade ao doutor; no mais, a ciência, a história, a filosofia, tudo lhe saía ao pintar em confirmação do seu dito.

Não é menos para assombro aquele piramidal talento quando prova que Salomão mandava à vila de Bates no Minho buscar prata, ouro, dentes de elefantes, pavões e monos¹. Por quanto, os famosos países de Ofir e Tarsis

1

Querem alguns que ali (à vila de Rates) chegassem do mar as embarcações naqueles tempos das frotas ofirinas, ao menos as pequenas, que navegavam por um esteiro, de que se vêem vestígios vindo da Pulha (verdadeira pulha) e que este nome tomou dos navios, que isso quer dizer em latim Hates.” Diz o outro patranheiro padre Carvalho na *Corografia*.

eram no Minho, e não em Cartago ou Zangebania, como querem outros em menosprezo daquele grande historiador Flávio Dextero, o qual na sua crónica do ano 66 de Cristo afirma que a região ofirina era na cidade de Rates, na Lusitânia bracarense. *Ratem in Lusitania oppidum* etc.

Um pequenino embaraço poderia assarapantar cabeça menos rija que a do padre; e é que Salomão mandava ir ouro, prata, dentes de elefantes, pavões e monos da região de Ofir. Ora, se a região ofirina era no Minho, claro está que o Minho produzia elefantes, pavões e macacos, produtos de que não há nestas terras memórias nem vestígios. O padre de Guimarães desencadilha magistralmente a meada: a dentuça dos elefantes eram os tírios e os gregos que a traziam dos portos de África para o Minho; quanto aos pavões, ainda por aí aparecem alguns; os macacos, esses vinham também de África, faziam escala pela cidade de Rates, e iam para Jerusalém regalar com as suas caretas o ingente femeaço do rei Salomão. Ficamos inteirados.

Por mais abalizado que seja o conceito em que deva ter-se o engenho deste padre Bernardino, custa a engolir que ele seja mais sábio que Aristóteles, que Lactâncio, Santo Agostinho e Lucrécio. Pois era.

Aqueles negaram a existência dos antípodas; e o catedrático de Coimbra afirmou-a há cento e vinte anos, sendo certo que, hoje em dia, colegas dele não acreditam que os haja pela razão, já dada por Lactâncio, que não podem ter-se uns homens com a cabeça para a terra e os pés para o céu. O padre zeloso da ciência nova, invectiva acrimoniosamente contra os alarves que delatavam ao papa Zacarias, bispo Sabisburgense, de herege por ter propalado a atoarda ímpia da existência de antípodas.

Semelhantemente lúcido discorre o padre acerca de gigantes.

Existiram ou não gigantes?

Flávio Josefo disse que a uns homens arrojados e intrépidos se chamou gigantes. Orígenes escreveu que gigantes era um cognomento de ateus. Eusébio de Cesareia denomina gigantes os demónios. O padre Bolducho, que o leitor por força há-de conhecer melhor do que eu, diz que os gigantes, celebrados na Escritura, eram os varões exímios em virtudes. Pelo conseguinte, gigantes de corpulência monstruosa, homens como torres, com olhos de tamanho de janelas, isso é que passava por fabulação de visionários, até à hora em que o doutor tirou a candeia debaixo do alqueire, e rompeu com ela trevas dentro até além do dilúvio universal.

Foi assim o caso: os descendentes de Set, enfeitados das formosas filhas de Caim, casavam com elas.

Eles eram homens de bem, e elas mulheres de pouco mais ou menos, como descendentes daquele enorme celerado que matou o irmão à bordoadá. Desta mistura de bons moços com raparigas abrejeiradas nasceram os gigantes. *Gigantes antem erant super terram... enim ingressi sunt filis Dei ad filias hominum*. Foi o castigo que Deus infligiu àqueles casados: deu-lhes filhos daquele tamanho, levando em mira que eles (isto é o mais provável) lhes comessem com aqueles grandíssimos dentes quanto os pais ganhassem. O que o padre não diz é se eles já eram fetos gigantes no ventre das mães, e como as pobres mulheres se arranjariam com aqueles monstros lá no interior delas.

O dilúvio afogou a raça destes brutos descomunais; não obstante de vez em quando a natureza ia dando algum como Nemrod, o caçador, que para apanhar rolas no topo dos pinheirais precisava de se agachar; também foram gigantes o rei de Bazan, o Ferragus da história de Carlos Magno, e alguns tambores-mores do nosso conhecimento.

Gigantes fêmeas, não falando na Amiota, mulher daquele Ferragus, existiram outras, porque não podia deixar de ser. O padre não as conheceu de nome; inclina-se, porém, a crer que as amazonas eram mulheres de bom tamanho.

E, a propósito de amazonas, conta o padre a seguinte façanha das mulheres portuguesas.

O caso é digníssimo de crédito, já porque o padre Bernardino o conta, já porque Manuel de Faria e Sousa o tinha contado. Tirante os Evangelistas, não conheço historiador verídico superior à Manuel de Faria, a não ser o padre Bernardino.

Andávamos às mãos com os galegos, muito antes da era dos Afonsinhos. Éramos quinze mil homens, afora as mulheres armadas de grevas, coxetes, arnês e capacete. Íamos já sobre a galegada, atravessado o Minho. Estávamos já cantando vitória em território deles, quando os alarves depois de bem soados, nos carregam com o poder da Galiza em peso, e nos obrigam a retroceder. Nisto, avançam as mulheres em campo de batalha, malham como em centeio verde naqueles bestiais inimigos e destroçam-nos. A vitória ficou-se chamando *empresa das mulheres*.

O padre, relatada a façanha, volta-se ao célebre castelhano Feijó, de estopadora memória, admira-se que ele, encomiando o heroísmo das mulheres, não refira aquele caso, e explica o silêncio: “foi certamente não querer renovar a dor da sua pátria, conhecendo muito bem que esta gloriosa empresa das nossas esclarecidas portuguesas, será nos anais da posteridade opróbrio eterno da sua gente.” Leva nas ventas, meu Feijó!

Outro caso autorizado também por Manuel de Faria: os romanos levavam cativos alguns portugueses com as respectivas mulheres, as quais iam de mãos atadas para as costas. E vai elas, quando os romanos dormiam, desataram-se primeiro com os dentes, e depois com as mãos; em seguida foram desatar os maridos, e, acto continuo, caíram sobre os romanos, desarmaram-nos, e, diz o padre na sua expressão folhuda “lhes dilataram o sono com a morte.”

Das quais façanhices infere o padre que os portugueses tinham parte de amazonas, valentia já não vulgar, salvo nalguns raros casos que ainda aparecem nos boletins da polícia, casos — digamo-lo com tristeza — que ordinariamente são galardoados com alguns dias de prisão, porque num país de homens afeminados as mulheres varonis seriam epigrama injurioso.

De gigantes e amazonas declinou o filósofo de Guimarães à questão dos pigmeus. Há pigmeus ou não?

Há. Demonstra-o exuberantemente o padre não já com a autoridade de qualquer bigorrilhas de viajante; mas com a decisão indeclinável de Ezequiel; porque o profeta, no cap. XXVII, disse que os pigmeus entravam como ornamento da cidade de Tiro.

Agora, saibamos dos delfins e dos amores deles com as delfinas.

Nascem nas ondas estes simpáticos brutos. Gostam infinitamente de música e são muitíssimo amoráveis com os homens. Do teor como eles amam, ninguém o dizia melhor que o padre Bernardino, e seria inveja da minha parte furtar ao leitor o regalo desta descrição: “Os amores destes insignes marítimos viventes, decantados em muitos clarins da fama, tem claros exemplos na história. Arde seu affecto nas águas, conservando-se o seu coração abrasado no líquido elemento, e na mesma jurisdição do maior inimigo do fogo; mas como affectos ardentes dificultosamente entram nos corações, obstando a contradição nos olhos, na idade florente da puerícia, são os indivíduos humanos de mais agradável aspecto, ordinários objectos das suas inclinações.”

Isto é bonito; mas custa a perceber. Era o caso do padre, puxado algum tanto ao lirismo teutónico, dizer com Petrarca:

Intendami chi púo che m'intend'io.

Refere-nos a história dum delfim chamado Simão, o qual amava um lindo menino, e andava com ele às cavaleiras de praia em praia, até que, morrendo o menino, o delfim “faleceu de amores depois de uma vida toda de affectos!” Que delfim Simão! faz chorar a gente com o seu falecimento de amores!

Outro delfim, que por nome não perca, praticava familiarmente com os soldados do pro-cônsul de África Flaviano. Este romano deu-lhe na veneta untar de certos unguentos o delfim, os quais tiraram os sentidos ao amável bicho. “Despertando do letargo, diz o lente de Coimbra em 1743, envergonhou-se de sorte que se ausentou por muito tempo para o profundo do mar.”

Que pudor tinha o peixe! Envergonhou-se de desmaiar! Parece que a vergonha já naquele tempo se tinha feito aquática!

Passados tempos, voltou o delfim desenvergonhado, e “continuou as suas antigas affectuosas expressões.”

Outro delfim, apaixonado e não correspondido de um menino de singular beleza, deu consigo moribundo numa praia, à vista do ingrato amado, e expirou, dando “eterna fama às mesmas praias, com mais extremosa fineza do que a celebrada ama de Eneias às de Caeta.”

Se estes peixes morrem assim de amores da gente qual não será a ternura do seu affecto às suas delfinas? Como nem todos são Simões, algum haverá que possa chamar-se Romeu, outro Paulo, outro Werther, analogias deduzidas das suas meiguices e choradeiras. Aquilo é que há-de ser amarem-se idealmente, lá onde o pudor é do feitio que vimos! O tempo não vai senão para eles. Os peixes a quererem-se como os humanos já não se querem; e nós, humanos e cristãos, a amarmo-nos, pouco mais ou menos, como carapaus e tainhas! O reviramento é completo!

Vem agora o unicórnio com os seus amores, para maior desar da nossa frouxidão, leitor benévolo.

O unicórnio é ferocíssimo; não obstante, assim que lobriga uma donzela, torna-se um borrego de mansidão: fenómeno observado em unicórnios de cocheman, duplamente ferozes, se a braveza lhe for contada pelo número das matérias-primas de que se fabricam bonitas bengalas.

Conta S. Alberto Magno: (duvidem, se podem!) que a presença das donzelas desbrava o coração do unicórnio, o qual, se o deixam adormecer no regaço delas, as meninas, se quiserem, podem levá-lo de pós si, como já se viu em Meca e noutros sítios. Ó singular magia das donzelas! Ó mãos de neve e cetim que tanto podeis sobre a fereza de tão formidáveis bichos, e sobre a bestidade de feras menos elegantes! Que enchentes de poesia nos entumecem as entranhas, se cogitarmos nos mistérios de amor que o padre Bernardino de Guimarães nos conta!

Que padre! que professor e que santo!

O conceito que seus contemporâneos formaram dele, é dever meu expendê-lo, ainda que em breve, para louvor dele e de quem soube entender o génio, que se adiantou, como lente da universidade de Coimbra, cem anos à sua geração.

O padre mestre fr. José de S. Gualter chama-lhe preclaro, e diz que o seu livro é semelhante ao que o profeta viu voar; pelo que é de parecer que se deixe ir voando o volume para o prelo, de onde nas asas da fama do autor possa voar às mais nações e partes do mundo.

O doutor frei Henriques dos Serafins, também lente, diz que o livro, de onde forrageamos o ramilhete que o leitor está cheirando com delícias, é tal que nem ele pode censurá-lo sem injustiça nem admirá-lo sem injúria.

Fr. José da Trindade, também lente, escreve...

Não digo mais para não ofender nove poetas que vem cantando o padre no couce processional dos prosadores, e a couce no senso comum e no pudor nacional.

Mas o livro! Quem tem este livro? É cousa tão rara que até o meu amigo Inocência Francisco da Silva o desconhece. Chama-se *Teatro do mundo visível*. Encolher-lhe o restante do título seria um defraudar-lhe a substancia: além de *visível* este teatro do padre é *filosófico, matemático, geográfico, polémico, histórico, político, e crítico*. É impresso em Coimbra, em 1743. Tem 413 pag. in-4.º g., afora um romance em verso de Francisco Rebelo da Cunha, consagrado ao padre.

Que parelha os dois! que lumieiras!

Diz-lhe o Rebelo:

A matéria que contém um tal teatro

*Irá peregrinando outro hemisfério,
Porque o grito da fama em vosso abono
Por aclamar-vos excederá no excesso.
É bonito!*

Agora, leitores, cubramos a cara com as mãos, se a nossa vergonha nacional não fugiu para os delfins do padre Bernardino de Santa Rosa, e ponderemos que estas coisas se passavam e escreviam em Portugal, ao mesmo tempo que em França viam a luz do mundo, e faziam a luz do entendimento o *Tratado dos estudos* de Rolin, as *Cartas filosóficas* de Voltaire, e o *Sistema da natureza* de Lineu!

Ó reis! Ó frades! Ó inquisição! Ó lentes da universidade de Coimbra!
Ó padre Bernardino!...